



Ideologia de Wagner é denunciada por bisneto. Pág. 16

Piranesi na Pinacoteca

Obras do artista veneziano estarão expostas a partir de sábado. Pág. 5



Sem-terra, sem destino

Fotos de Jacqueline Jonner lembram luta de lavradores

gaúchos. Pág. 4

ANO IX NÚMERO 3.721 QUINTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1997

L.C. Leite/AE

Aldeia cenográfica construída em Ubatuba: depois do filme pronto, a obra, que custou R\$ 250 mil, poderá ser cedida pela prefeitura para índios guaranis

Cenário de canibais: o aventureiro alemão Hans Staden foi capturado por eles, há mais de 400 anos

sé Francisco Diorio/AE — 21/1/97

Pereira, o diretor: ele quer produzir um clássico da antropofagia 🔳 Mais informações nas páginas 8 e 9

Festa inaugura hoje a aldeia cenográfica do filme 'Lá Vem Nossa Comida Pulando!'

JOTABÉ MEDEIROS

ma grandiosa aldeia cenográfica tupinambá de R\$ 250 mil será inaugurada hoje, às 14 horas, em Ubatuba, litoral paulista. Com a apresentação de cantos e danças por 25 crianças guaranis da aldeia Boa Vista, a inauguração apresenta o cenário do filme Lá Vem Nossa Comida Pulan do!, de Luís Alberto Gal Pereira, que começa a ser rodado em agosto.

Lá Vem Nossa Comida Pulando! narra as desventuras do aventureiro alemão Hans Staden, capturado por canibais na costa brasileira por volta de 1550. A produção, que tem um custo estimado de R\$ 1,5 milhão, terá um ator hollywoodiano no papel principal — o nome é mantido em sigilo.

Além do astro de Hollywood, estão cogitados para integrar o elenco os atores Paulo Autran, Stênio Garcia, Sérgio e Cláudio Mamberti e Mara Carvalho. A música é de Marlui Miranda e o cast de Walderez Cardoso.

Depois do filme pronto, a prefeitura de Ubatuba — que apóia o filme de Pereira — poderá ceder a aldeia cenográfica para índios guaranis. O cineasta terá como consultor de tupi-guarani o professor da Universidade de São Paulo (USP) Waldemar Ferreira. Além de locações na cidade cenográfica, a produção será rodada também no Forte de Bertioga — que Staden defendia quando foi capturado - e em praias, rios e mata da região.

Pereira quer produzir um clássico da antropofagia. "A natureza antropofágica do brasileiro começa a ser desvendada nas viagens de Staden", pondera. Ele tem trabalhado produzindo especiais para a televisão e inúmeros curtasmetragens. Seu novo projeto foi selecionado pela Lei do Audiovisual e agora está à procura de patrocínio. Já tem os apoios da empresa Segurança ao Crédito e Informações (SCI) e do Hotel Recanto das Toninhas, de Ubatuba.

Dia do Índio — Por conta da efeméride do Dia do Índio (sábado), neste final de semana 125 indígenas de diferentes tribos estão em São Paulo e uma série de eventos agita a cidade. Cantos e ritos xavantes, fotografias de Rosa Gauditano, filmes, vídeos e debates estão na ordem do dia.



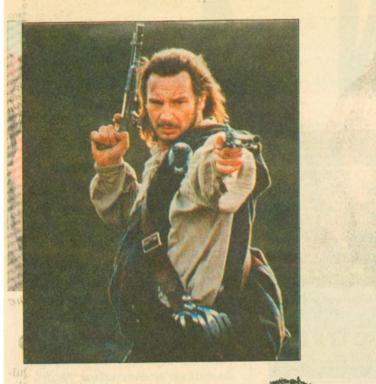
Dia 17, quinta, 21h30 César Camargo Mariano

Quarteto convida

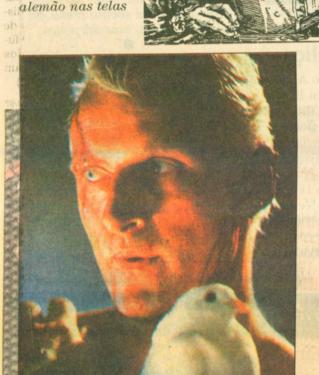
de Cantor, Armandinho, Pepeu Gomes, Marisa Monte, Baby do Brasil,

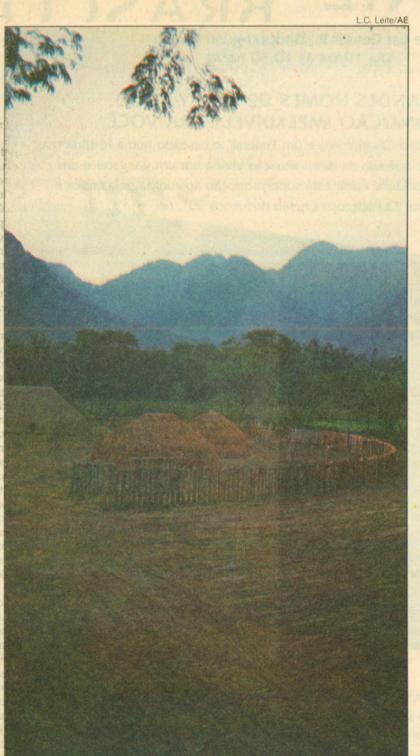
Mchunu (participação





O diretor pensou nos atores Liam Neeson (acima) e Rutger Hauer (abaixo) para o papel de Hans Staden (ao lado), mas eles foram considerados muito caros: um terceiro nome de Hollywood, ainda não revelado, deve viver o aventureire





Oca na aldeia cenográfica construída em Ubatuba, no litoral norte de São Paulo: o cineasta explica que 70% do roteiro será filmado nesse cenário especial, com a participação da população local



ME RECONSTITUI AVENTURAS DE HANS STADEI

Luis Alberto Pereira vai iniciar as filmagens de 'Lá Staden voltou à Europa e em Vem Nossa Comida Pulando!', que tem como base a saga do viajante alemão que escapou dos antropofágicos do Brasil há mais de 440 anos

á vem nossa comida pulando! Teria sido com essa frase que o chefe tamoio Cunhambebe saudou a chegada do aventureiro alemão Hans Staden à sua aldeia, por volta de 1550. Cunhambebe e seus correlidios. gionários pretendiam comer no jantar o prisioneiro Staden — que, machucado, vinha pulando numa perna só. No almoço, já tinham devorado alguns portugueses.

Não comeram. Staden voltou para a Europa e escreveu o primeiro relato sobre a natureza antro-

SETENTA pofágica do brasileiro na Europa (Duas Viagens ao CAIÇARASE Brasil, edição brasileira da Editora MORADORES Itatiaia). Mais de 440 anos depois, DE UBATUBA sua saga de aventureiro em duas SERÃO viagens ao Brasil e os percalços na FIGURANTES nova terra finalmente seduziram NA PRODUÇÃO a ficção. O filme de Luis Alberto Gal

Pereira, Lá Vem Nossa Comida Pulando!, salda uma antiga dívida dos devoradores para com o quase devorado. Pereira está atrás de um Staden adequado. Ele já esteve em 70% do roteiro na aldeia cenográ-

conversações com agentes de Rutger Hauer e pensou também em Liam Neeson para o papel, mas é um terceiro nome de Hollywood — ainda sigiloso — que deve fazer o papel de Staden. "Hauer e Neeson são muito caros", diz.

Ilha), começa com Staden numa literatura de viagem". de sua primeira viagem ao País. era o convidado de honra, Hans espíritos.

1557 editou seu livro com 53 xilogravuras produzidas sob sua orientação. É o mote para toda uma gama de associações com a natureza antropofágica do brasileiro, que seduziria Oswald de Quando entra no forte de Bertioga, já é capturado pelos índios. Andrade e os modernistas e se espraiou mundo afora — convém Para escapar ao sacrificio, Staden usa pequenos conhecimenlembrar que a revista dos dadaístos médicos e científicos e é to- tas, criada por Francis Picabia, mado por um pajé. Começa a fa- tinha o nome de Cannibale, refezer adivinhações e a se mostrar rência a um trabalho de destruiamalucado, o que apavora os ín- ção e posterior deglutição que seu grupo pretendeu. A seguir, Staden vai parar nu-Hans Staden nasceu em Hom-

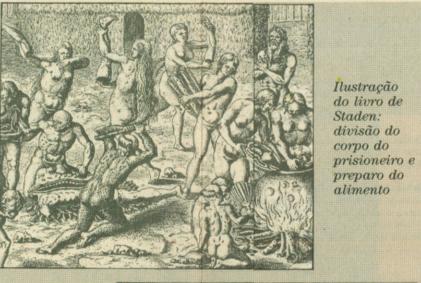
ma aldeia mais "liberal", que já berg, Alemanha, por volta do ano se relaciona com brancos. Che- de 1525. Quando foi capturado, gam dois franceses e o resgatam, portanto, era ainda um rapazola. em troca de mercadorias. "Foi o Teria sido artilheiro da armada primeiro sequestrado em terras de Sanabria. Chegou ao Brasil brasileiras", brinca Luis Alberto pela primeira vez em 1547, quan-Pereira. "Teve uma do tinha 22 anos. Segundo as sorte danada." descrições, era alto, forte, louro e O diretor fez mantinha uma imponente barba 250 testes com em forma de pêra que lhe dava

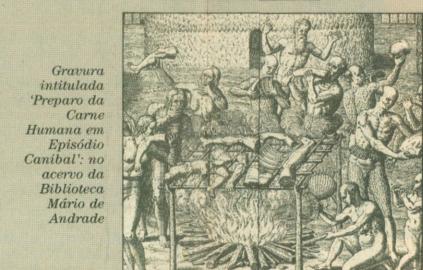
considera.

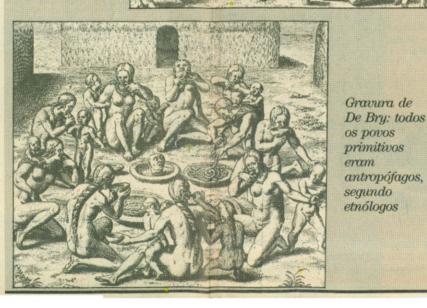
moradores e cai- um ar de fidalgo çaras da região Seu livro teve numerosas edipara escolher figu- ções. A primeira surgiu na Univerrantes para seu sidade de Marburg, em 2 de março filme. Escolheu 70 de 1557, sob o título Descrição "excelentes" ato- Verdadeira de um País de Selvares. "Eles fazem gens Nus, Ferozes e Canibais. Teprocissões e ence- ve 76 edições em diversas línguas. nações da Paixão As edições portuguesas foram lande Cristo e já sa- çadas no Brasil a partir de 1892, bem atuar, têm to- sendo que teve como tradutores, das as manhas", entre outros, Monteiro Lobato.

O forte de Bertioga, que Staden Para escrever defendeu, hoje leva seu nome. Posseu roteiro, Pereira disse que to-chave da defesa de Santos e São usou como referências todos os Vicente, o forte estava sem articronistas do caso e da época, do lheiro quando Staden lá foi parar, padre José de Anchieta ao pró- vindo pela costa brasileira desde prio Staden. Ele pretende filmar Paranaguá. Foi dele que saiu a esquadra de Estácio de Sá, na manhā de 27 de janeiro de 1565, para A historiadora Ana Maria de fundar a cidade de São Sebastião Moraes Beluzzo, nos textos de O do Rio de Janeiro.

Brasil dos Viajantes (1994), es- As xilogravuras que Staden descreveu que "na origem de todos creveu para que Brys e outros ilusos relatos sobre o Brasil está a tradores fizessem os desenhos que memória de um viajante alemão, estão no seu livro, embora pequem O filme, com roteiro original de Hans Staden, presença que assu- pelo exagero e por imprecisões, Luis Alberto Pereira (diretor de me os contornos de lenda e viria são preciosas pelo que demons-Jânio a 24 Quadros e Efeito a se tornar fundadora da nossa tram de estupefação do estrangeiro ante o grande desconhecido: o caravela, rememorando os fatos Após escapar do jantar no qual selvagem devorador de corpos e







e Von Martius, no início do século passado, perguntaram a um chefe miranha porque comiam carne humana. Eis a resposta: "Vocês, brancos, não comem jacarés nem macacos, embora sejam animais saborosos, e não tivessem tantos porcos e caranguejos comeriam macacos e jacarés, pois a fome doeria", disse o índio. "É tudo uma questão de hábito e, se eu for morto, não me importo que meus ini-

Gravura de

os povos

minitivos

segundo

dorama".

Modernistas

usaram imagem

om seu *Manifesto Antropo-*fágico, de 1928, Oswald de Andrade pretendia semear

uma deglutição metafórica contra

"a realidade social vestida e opres-

sora cadastrada por Freud — a

realidade sem complexos, sem lou-

cura, sem prostituições e sem peni-

tenciárias do matriarcado de Pin-

A "revolução caraíba" de Oswald

queria a transformação do tabu em

otem e a restauração do comunis-

mo primitivo, baseado no amor li-

vre, a recondução da mulher ao seu

poder, na afirmação da individuali-

Oswald decerto conhecia a natu-

reza afirmativa do canibalismo dos

índios brasileiros. Os viajantes Spix

da deglutição

migos me comam ou não." Os etnólogos acreditam que a antropofagia existiu em todas as sociedades primitivas. A aversão ao consumo de carne humana ocorreu quando o homem caçador teve condições de obter outros alimentos em abundância e desenvolver o dito "gosto adquirido".

No começo da década de 90, pesquisadores do Instituto Anchietano de Pesquisa, em São Leopoldo (RS), conseguiram evidências que provavam que também os índios guaranis - nosso maior grupo ancestral - praticavam o canibalismo. (J.M.)

Exposição na Fuji 'mapeia' comunidades

s fotos de Rosa Gauditano são uma das grandes referências para quem se dispõe a conhecer o cotidiano dos povos indígenas brasileiros. Desde 1989, ela dedica-se a registrar momentos da vida desses povos. Segundo dados do Instituto Sócio-Ambiental, que coleta dados sobre os índios, existem no Brasil 206 etnias com 170 línguas distintas, que sobrevivem numa população de mais ou menos 300

mil pessoas. "Meu interesse é documentar e mostrar que eles existem", diz Rosa, que abre hoje para o público sua exposição Nossa Tribo na Casa da Fotografia Fuji (Avenida Vereador José Diniz, 3.400). Ela de 1,3 mil crianças à mostra. expoe 60 fotos em cores e oito pôsteres que mostram os indígenas em suas atividades corriqueiras: pesca, dança, canto, alimen-

até o dia 7. idéia de como era rica essa diver- deram muito tempo esperando sidade", diz a fotógrafa. "A gente MAIS DE MIL

desconhece muito o Brasil; há muita informação desencontrada e o brasileiro não sabe da existência dessa Torre de Babel indígena", afirma. Os oito povos re-

CRIANÇAS

VISITARÃO A

tratados por Rosa na exposição são os seguintes: ca- e acabou por tornar-se uma conrajás (da Ilha do Bananal), araras e caiapós (Pará), tucanos agência Fotograma, ela lançou re- agora é o mais importante para de- não se trata mais de música eci-(norte do Amazonas), ianomâmis centemente uma série de cartões- fender os interesses do nosso povo. dental. Ela está consciente de que (Roraima), xavantes (Mato Grospostais sobre o tema. "É imporso), guaranis (São Paulo) e pankararus (do interior de Pernam- munidades indígenas preocupabuco, com uma comunidade, hoje, das com a preservação de seus na Favela Real Parque, no Mo- costumes, que conseguem manter rumbi). A exposição abriu visitas suas tradições e identidade." monitoradas para estudantes de (J.M.)



Índio arara: vida documentada

1º e 2º graus e conseguiu um resultado surpreendente: até anteontem, estava prevista a visita

Para Rosa, além do trabalho documental que se faz importante, também é fundamental o trabalho de pôr os índios em contato tação, trabalho. A exposição vai com o mundo dos brancos, "Eles têm de participar cada vez mais, "Quando eu comecei a fazer es- interagir com o resto do mundo e se trabalho, não tinha a menor agitar seus interesses", diz. "Per-

que alguém os ajuhora de tomarem a dianteira."

Jornalista, Rosa tem 41 anos e começou a fotografar aos 18. O trabalho início como uma

missão jornalística vicção antropológica. Sócia na tante mostrar a existência de co-



Povo da aldeia Pimentel Barbosa: aposentando arco e fleche

Sesc traz xavantes a São Paulo

cados cerca de 25 tipos de dança gravados na aldeia de Pimentel rituais, que por sua vez permitem Barbosa. uma infinidade de situações esté-

bosa que vem a São Paulo. O Nú- não são auwe). cleo Cultural Índigena, em parceria com a comunidade xavante, vai integração bastante especial. A asapresentar nos dias 9, 10 e 11, no sociação Idzo'uhu, por exemplo, da Parque da Independência, no Ipi- reserva de Sangradouro, já trabaranga, o espetáculo Itsari, conjun- lha no sentido de resgatar técnicas to de cerimônias do povo xavante tradicionais de agricultura e tem que integra a Temporada Sesc Ou- um projeto ambicioso: quer montar tono/97. Virão a São Paulo 28 in- um time da comunidade para disdios xavantes.

s índios xavantes da aldeia 1992. O disco, produzido pela Quide Pimentel Barbosa, em lombo Música e pela Warner, sele-Mato Grosso, mantêm into- cionou 31 cantos e danças rituais

A história do contato pacífico ticas. Essa riqueza cênica dos xa- dos etenhiritipás (ou "povo Auwe vantes já levou à aldeia pesquisa- da Serra do Roncador") com os dores, cientistas e curiosos de to- brancos é recente. Foi só na década espécie — o grupo Sepultura da de 40 que eles pararam de gravou lá duas faixas de seu disco guerrear contra o invasor para Roots, que vendeu 2 milhões de "pacificar os brancos" e estabeleexemplares pelo mundo afora. cer contato com os que eles cha-Agora, é a aldeia Pimentel Bar- mam de "warazu" (todos os que

Os índios vivem um momento de putar a sério a Taça São Paulo de A coordenação é de Ângela Pap- futebol, de juniores, em 1998. O fupiani, do núcleo indígena, que tebol é uma das tradições dos também produziu e dirigiu a gra- brancos que mais se enraizaran vação do disco Etenhiritipá, em entre os povos indígenas. (J.M.)



Xavantes e Marlui Miranda estiveram segunda-feira na PUC: rituais

Líder indígena faz ponte entre

missão de "pacificação dos missão de "pacificação dos brancos" dos xavantes é intensa. Além dos 28 integrantes da tribo de Pimentel Barbosa que chegam em maio, já estão em São Warapuc - wara que quer dizer cen-

tro da aldeia. "Vir até a sociedade só é importante se a gente conseguir atingir as pessoas e não só mostrar o nosso jeito de ver as coisas", disse Hipāridi, índio xavante de 23 anos que coordena o evento. Fluente em português, Hipāridi vive já há algum tem- os Sons. po numa ponte entre sua aldeia, Associação Idzo'uhu.

de um convênio entre a Fundação Phytoervas de Proteção ao Índio Brasileiro e a Unesp de Jaboticabal. A seguir, trecho da entrevista de Hipãridi ao Estado:

Estado — Por que é importante

viver em contato com o branco? Hiparidi — É importante. Eu fico tamos aí, estamos lutando. Nesse de Marlui. sentido, consideramos grande a imviagem perdida. As danças que mostramos têm nomes conforme a inten-

Estado — Você se considera uma espécie de embaixador do seu povo entre os brancos?

Hiparidi — Eu não gosto de "embaixador". É muito formal. Eu sou um intermediador. (J.M.)

Marlui pesquisa linguagens para brancos e tribos compor missa

o nos últimos três anos, Marlui Miranda começou a tornar público o resultado Paulo, desde terça-feira, quatro ín- de sua pesquisa de linguagens mudios da reserva de Sangradouro, que sicais indígenas brasileiras. Comefazem até amanha, na PUC, o evento gou a trabalhar há 20 anos. Em 1994, montou o primeiro espetáculo da série Ihu (a palavra tupi para som, que se refere não apenas ao que se ouve, mas também ao que produz o som e à compreensão do som). Deu ao espetáculo, ao disco e ao livro que vieram em seguida o nome Ihu — Todos

2Ihu/Kewere: Rezar é a segunchamada pelos xavantes de Idzo'u- da parte do projeto Ihu. É uma hu (que quer dizer local onde vivem missa de arquitetura convencio abelhas), e São Paulo, onde dirige a nal, dividida em kyrie, glória, credo, cânon e ágnus dei. Combinam A associação foi criada por meio se a essa estrutura as normas de composição e canto dos índios aruás, de Rondônia, e também dos tuparis e urubucas. A missa será apresentada em junho no Sesc Pompéia e foi encomendada pelos jesuístas de São Paulo, que este ano comemoram o quarto centenário de José de Anchieta, autor da primeira gramática tupi-guarameio desconfiado com essa coisa de ni e do Catecismo da Língua Bradasse e isso não valorizar muito o Dia do Índio. É sílica. Esses livros serviram de baaconteceu; agora é bom estar aqui para mostrar que es- se para o trabalho de composição

Participam da montagem o Coportância de estarmos na sociedade. ral Sinfônico da Universidade Li-Se fosse só para conhecer seria uma vre de Música e a Orquestra Jazz Sinfônica. Mais uma vez, as formas das convenções ocidentais estarão com os índios teve ção. As coisas mudaram para os xa- ligadas à tradição indígena, reprevantes. A gente luta agora pelas coi- sentadas por instrumentos típi sas novas. A dança não tem mais a cos. Ao aplicar um sistema lógico função de guerra. É uma nova luta. ao outro, o indígena ao ocidental, Aposentamos arco e flecha. A fala Marlui criou um terceiro termo: já não faz exatamente música indígena, embora trabalhe com seus cânones. Ainda assim, não se considera dona da obra e reverterá os direitos da missa a uma escola de formação de professores do Parque do Rio Branco, em Rondônia.